**Entrevistas biográficas como método de pesquisa em educação: exemplos vindos do Rio de Janeiro**

Marcia Pereira de Anchieta, PROPED/UERJ

Pedro Carvalho Calafate, PROPED/UERJ

Resumo

O propósito deste trabalho é apresentar o processo de entrevista aplicado em dois trabalhos de dissertação de mestrado. Embora investiguem grupos distintos, ambos fazem uso de entrevistas biográficas como método. Durante o processo de estudo, os pesquisadores tiveram a oportunidade de compartilhar ideias sobre o desenvolvimento e os desafios encontrados ao longo das pesquisas, no âmbito do Observatório Jovem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, destacamos o cuidado com o entrevistado e a construção de trajetórias particulares emaranhadas ao tecido social como questões centrais despertadas pelas pesquisas.

Palavras chaves: Juventude, Educação de Jovens e Adultos, Pesquisa biográfica, Refúgio

**Resumo Expandido**

1. **Introdução**

As duas pesquisas aqui apresentadas são fruto de dissertações de mestrado realizadas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROED/UERJ), sob orientação da professora doutora Ana Karina Brenner. Por mais que abordem assuntos distintos, compartilham de métodos de pesquisa próximos, inspirados por leituras realizadas nos encontros do Observatório Jovem, da mesma instituição. Em comum, sobretudo, está o uso de entrevistas biográficas como método de pesquisa. Destacamos também que em ambos os casos, o envolvimento com o campo e a relação com os entrevistados transpassa os momentos de entrevistas, sendo marcados pelo convívio cotidiano com os participantes em espaços educativos.

1. **Entrevistas biográficas**

Tornar-se sujeito, individual ou coletivo, é um processo dinâmico entre práticas e significação da sociedade e de si mesmo. É por meio da biografização que o sujeito se constrói ininterruptamente enquanto tal. Por meio da ação biográfica, os indivíduos articulam uma “configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular” (MOMBERGER, 2012, p.526).

Biografia enquanto verbo, devir, expõe sua condição processual, de contínua elaboração, conjunto de “operações mentais, comportamentais e verbais pelas quais o indivíduo não cessa de inscrever sua experiência e sua ação em esquemas temporais orientados e finalizado” (Deleroy-Momberger, 2012, p. 525). O sujeito, para a autora, é sempre um sujeito-hipótese, oriundo de uma variada gama de possibilidades de ser e de se representar. A autora faz referência ao sociólogo alemão Peter Alheit, que criou a noção de biograficidade, sendo ela a “capacidade de integrar novas experiências àquelas que já tivemos” (Deleroy-Momberger, 2016, p. 140), um mecanismo singular de apropriação das nossas experiências dentro de uma coerência biográfica. A pesquisa biográfica é, portanto, duplo trabalho heurístico: primeiro, o trabalho do entrevistado como “entrevistador de si mesmo” e, em seguida, o trabalho do entrevistador “cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo” (Deleroy-Momberger, 2012, 527).

A fala de si evidencia que as estruturas sociais não são fixas, mas que são processos (Fanton, 2011), experimentados e modificados, construídos da compreensão que os sujeitos efetivam das suas experiências, empreendendo possibilidades em transgredir ou acomodar situações. Na pesquisa biográfica, portanto, o pesquisador é desafiado a ouvir atentamente seu interlocutor para captar os elementos essenciais que o auxiliarão na compreensão do contexto e das questões a serem exploradas. Para tal, um contrato de confiança deve ser estabelecido entre pesquisador e pesquisado (Ferraroti, 2007), não apenas durante o processo de entrevista, mas também no seu processo de análise. O trabalho heurístico do pesquisador é também duplo, iniciando-se durante o campo, mas estendendo-se até o gabinete (Oliveira, 1996). Aqui, considera-se fundamental é cuidado com o trabalho interpretativo das entrevistas, sobretudo quando o campo exige defrontar-se com uma realidade que foge às hipóteses iniciais. A escuta não pode servir para colorir um quadro já estabelecido, um “material ilustrativo de hipóteses elaboradas anteriormente” (Ferraroti, 2007, p. 26, tradução própria). Esse ouvir aprisionante e seletivo, movido pela urgência classificatória, retira as "dobras do mundo para eliminar a complexidade", fechando-se, assim, à escuta do outro para "obter informações pré-confeccionadas" (La Mendola, 2014, p.339).

**2. Pesquisa com jovens egressos da Educação de Jovens e Adultos de um CIEP na Rocinha**

 Retornar a escola é um desafio, bem como um desejo que vai sendo construído  a partir do afastamento do sujeito do espaço escolar. Essa foi uma das percepções ao entrevistar jovens que retornaram, depois de um longo período afastados, a escola. O espaço escolar suscita experiências diversas; o encontro , o grupo, a solidão, a esperança da família, a constatação da precariedade das condições de vida, o espaço das possibilidades e do cuidado, da singeleza, a luta cotidiana para continuar e não se deixar vencer.

  A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas autobiográficas, no final do ano de 2021 e início de 2022 com quatro jovens, entre 23 e 28 anos egressos da Educação de Jovens e Adultos no ano de 2017.  Todos os jovens  participaram  dessa modalidade de ensino em um Centro Integrado de Educação Pública, CIEP, onde a pesquisadora foi e é coordenadora pedagógica e professora, tendo ainda em comum o mesmo lugar de moradia.  Esses jovens foram convidados a falar de suas experiências com o espaço escolar, sobre seus retornos, expectativas, trajetórias até o retorno à escola e suas compreensões desse processo. As conversas foram compreendidas pela pesquisadora como um espaço de organização, seleção do modo como entenderam e perceberam seus movimentos de vida atravessados com/pela experiência escolar.

 A pesquisa procurou refletir sobre o percurso de vida dos jovens e como as suas experiências foram atravessadas pelo espaço escolar e educação formal, como compreenderam as suas experiências de vida e o papel da escola nessa trajetória.

1. **Entrevista biográficas e a integração local de refugiados na cidade do Rio de Janeiro**

 O processo de integração local de solicitantes de refúgio e refugiados no Brasil é marcado por uma série de barreiras culturais, linguísticas, sociais e econômicas que dificultam o acesso desses sujeitos a uma série de direitos e oportunidades, cenário já desenhado por importantes estudos da área. A presente pesquisa buscou qualificar como esse processo tem sido vivido na cidade do Rio de Janeiro, analisando distintas áreas de inserção social como a saúde, educação, lazer, vínculos sociais, trabalho, religiosidade. Além das considerações a respeito da recente experiência no Brasil, busca-se compreender como essas experiências vinculam-se com as experiências pretéritas dos sujeitos antes de sua chegada. Aproveitando o vínculo estabelecido com estudantes do curso de português para iniciantes da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, foram selecionados três alunos para a participação das entrevistas, realizadas entre  agosto de 2023 e 2024. As nacionalidades dos participantes eram distintas, sendo uma russa, um marroquino e uma nigeriano. Chegaram no Brasil em um período relativamente próximo, estando aqui um pouco menos de dois anos quando iniciamos as conversas.

 Não cabe aqui, adentrar os resultados das entrevistas, mas sim o processo de construção das entrevistas. Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que o processo de tradução se tornou imprescindível tendo em vista que nenhum dos participantes era falante nativo do português. Se por um lado, tal necessidade, reduz as capacidades de expressão dos participantes ou de compreensão do entrevistador, por outro, fazer uso da tradução permite adentrar realidades que pelo contrário estariam invisibilizadas.

 Um segundo aspecto observado reflete a prontidão com a qual os entrevistados responderam a solicitação da entrevista. No caso, o pesquisador havia sido seus professores, na condição de voluntário, e tal esforço foi reconhecido na hora de colaborarem com a pesquisa. No mais, a relação pretérita facilitou a criação de vínculos de confiança, extremamente significativos na realização de entrevistas, como salientou La Mendola (2014). Por fim, destaca-se a construção de um espaço biográfico (Arfuch, 2010) genuíno, onde não só pude construir um campo de análise sobre suas experiências como os próprios participantes tiveram a possibilidade de construção de um olhar sobre si.

1. **Reflexões acerca do método biográfico ou aproximações e distanciamentos entre as pesquisas**

Em ambos os estudos, os pesquisadores notaram que as interações com os participantes foram mais abrangentes do que apenas as entrevistas registradas. As narrativas e reflexões demonstraram um histórico de conhecimento que antecedeu o início das conversas com vistas à pesquisa. O compartilhamento de experiências passadas contribuiu para estabelecer confiança no momento da entrevista. Em ambos os casos, o contato prévio provinha de espaços educativos, provocadores de questionamentos posteriormente refletidos nas pesquisas. Os pesquisadores aqui não são apenas pesquisadores, mas pesquisadores- docentes, pesquisadores-educadores que tornam parte do seu trabalho um espaço de investigação. Apesar de facilitar e tornar mais confiável o diálogo, o conhecimento prévio também pode levar o entrevistado a revelar informações que não compartilharia de outra forma. Portanto, é essencial que o pesquisador esteja consciente desse aspecto ao avaliar o material a ser utilizado em sua pesquisa, garantindo uma apresentação ética e responsável das declarações do participante, incluindo o que de fato deve ser exposto. Mesmo que não tenha sido solicitado a retirada trechos das entrevistas, por conta própria fizemos seleções quanto ao que nos foi apresentado, garantindo que o trabalho final respeitasse os participantes.

Por fim, ressaltamos que a escuta das biografias revelou um conjunto de encaixes e desencaixes dos indivíduos com a estrutura social. Nas sociedades *modernocontemporâneas,* a microanálise ganha relevância, considerando a intensificação da necessidade do indivíduo em tomar decisões, estabelecer e desfazer vínculos, mesmo a uma série de constrangimentos ainda presentes. A trajetória individual se insere em um *campo de possibilidades* que faz do indivíduo um sujeito de escolhas, quer queira ou não (Velho, 1994). Como apontam Brenner, Carrano e Medeiros (2023, p. 36):

Trata-se de reconhecer que o indivíduo tem um papel chave na elaboração de seus próprios caminhos biográficos, em especial, se considerarmos que este vive num mundo de complexidades que exigem multiplicidade de papéis e consciência adequada para realizar a integração de cada um desses papéis aos quais é levado a assumir. A ordem social torna-se mais contingente —menos determinante— e a sociologia pode tomar mais conhecimento sobre a complexidade que fabrica os indivíduos.

O jogo de escalas proposto pela visão microscópica não nega, portanto, a macro análise, pelo contrário, o fio do destino particular enreda-se ao tecido social em um dinâmico jogo.

**Referências bibliográficas:**

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MEDEIROS, Vivane Netto. Mariana de portas e janelas. Revista del IICE, n. 53, 2023.

DELEROY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. Revista Brasileira De Pesquisa (Auto)biográfica, 1(1), 133-147. 2016

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Revista Brasileira de Educação [online]. v. 17, n. 51, pp. 523-536. 2012

FERRAROTTI, FRANCO. Las historias de vida como metodo. UEAM, 44, 15-40. 2007

LA MENDOLA, Salvatore et al. Dialogicamente. Dar vida a percursos de conhecimento em termos de relações ou de experiência?. In: Narrativas Juvenis e Espaços Públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Editora da UFF, 2014. p. 325-344.

OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia, Vol. 39, no1, pp. 13-37. 1996.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Zahar, 1994.